

Muito além do condicionamen

Atividades físicas contribuem, apontam os especialistas, para construção das relações sociais, de valores e até mesmo da criticidade

Diogenes Barbosa

As atividades físicas exercem um papel fundamental na formação das pessoas. Não somente pela possibilidade de contribuir com as questões relacionadas ao condicionamento físico e, conseqüentemente, à saúde, mas também pela capacidade de aprimorar os relacionamentos sociais, por

exemplo. É isso que indicam especialistas na área de educação, ao analisar a influência de práticas como os jogos, as danças e os esportes na constituição dos indivíduos.

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a educadora física Roberta de Granville já atuou na chamada Educação Básica - que compreende desde o Ensino



to físico

Fundamental, até o Ensino Médio -, com a experiência de discutir e pesquisar sobre a área nestas etapas da formação. Atualmente, coordena a Licenciatura em Educação Física ofertada pela Asces.

Ela destaca que, não por acaso, há ao menos duas décadas a Educação Física passou a ser colocada como componente curricular obrigatório da Educação Básica. “Com a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional, a LDB, de 1996, tornou-se obrigatória a oferta destas atividades nas instituições de ensino em funcionamento no país, sejam elas públicas ou particulares”, reforça.

Cabe então ao Governo Federal (nos casos dos institutos federais), aos estados (nas escolas tradicionais, naquelas conceituadas como “de referência” ou ainda onde é ofertado, paralelamente, a Educação Básica e a tecnológica ou

profissionalizante) além, claro, dos municípios (considerando que o Ensino Fundamental faz parte da Educação Básica) garantir as estruturas necessárias para que as atividades aconteçam.

Neste caso, enquanto disciplina, compreenderia não somente a questão corporal, mas também as discussões enquanto matéria regular da grade curricular, com fundamentos que antecedem a prática. “Logo, nós compreendemos

questões relacionadas à saúde, ao lazer, aos esportes de rendimento, ao gênero e até mesmo à sexualidade”, prevê.

Do ponto de vista das relações sociais, existiria uma contribuição também a ser destacada: a integração da criança ou do adolescente com pessoas do mesmo grupo de convívio, ou de outros grupos. Uma criança matriculada no sexto ano do Ensino Fundamental pode encontrar na prática dos jogos, por exemplo, a oportunidade de interagir com meninos e meninas de outras turmas, tendo acesso a outras ideias, a novos aprendizados.

“Estamos colocando o seguinte: que esta criança, este adolescente, durante a participação nesses momentos de interação na escola, irá se sentir ator de um processo de construção. E, mais que uma prática corporal, articula-se uma reflexão sobre ela. Por exemplo, dentro deste universo nós temos a possibilidade de trabalhar a questão dos valores, que podem e devem ser considerados fora das quadras, fora dos espaços onde estas atividades costumam acontecer”, complementa Roberta.

O estudante Marcus Vinícius Santos, de 16 anos, foi incentivado pelo avô a praticar natação. Logo, começou a participar das atividades desenvolvidas no colégio e percebeu que gostava da modalidade. Tanto, que a pratica há 10 anos. “A cada competição que eu participei, a cada treino, sempre busquei melhorar. É um estímulo à superação, a um constante avanço”, observa.

De acordo com o próprio estudante, o envolvimento com a natação também trouxe outros benefícios. Marcos, que afirma nunca ter sido tímido, reconhece que a prática o ajudou no relacionamento com pessoas do colégio. “No segundo ano do Ensino Médio, por exemplo, recebemos novos estudantes na turma. Eles se envolveram com a natação, e logo pudemos nos aproximar, através dos treinos, do esclarecimento de dúvidas”, exemplifica.

Durante a entrevista, realizada na instituição onde estuda, Marcus foi cumprimentado e abordado por vários alunos. “A maioria deles, conheci através da natação”, salienta. “A prática também trouxe benefícios diversos para a saúde. Me ajudou no desenvolvimento da minha estatura, a melhorar a respiração”, complementa ele, seguindo para mais um treino.

PROJETANDO AVANÇOS

Para Roberta de Granville, as discussões sobre a atividade física ainda precisam avançar, para que os benefícios já listados possam contemplar um número ainda maior de pessoas.

A educadora destaca que precisa-se de uma mudança de hábitos em relação a estas práticas. Inicialmente, individual. Pais e responsáveis precisariam repensar a forma como tratam a participação de seus filhos nestas atividades. A ideia é de pensar uma formação ainda



mais completa para os “pequenos”, inclusive com as oportunidades ofertadas.

O ideal seria ainda cobrar-se das instituições de ensino a oferta destas atividades, preferencialmente no horário regular de estudos. “Se a turma tem aulas regulares pela manhã, porque não possibilitar que as de Educação Física aconteça pela manhã? Afinal de contas, trata-se de uma disciplina curricular. Assim, oportuniza-se que um número ainda maior de crianças e adolescentes participem”, complementa Roberta.

A formação continuada dos profissionais inseridos neste processo, os educadores físicos, também precisaria ser tomada como prioridade. Isso porque trata-se também de um processo de formação. E, como todo ele, deve considerar, inclusive, as mudanças sociais, de relacionamento humano.

Já em relação a oferta, Roberta sinaliza para a necessidade de incentivar os estudantes a escolher as atividades as quais desejam participar. Ela aponta que, em muitas delas, os meninos são direcionados para o futsal e as meninas para o voleibol, como se a primeira modalidade fosse genuinamente masculina e a segunda feminina.

Nesse sentido, observa que deixa-se de considerar a diversidade e, claro, as suas vontades/curiosidades em relação a determinadas práticas esportivas.

“Então, temos um movimento que passa pelo ambiente familiar, onde precisa-se construir um novo entendimento sobre a atividade física, mas também de onde deve partir a cobrança para que as instituições, sejam elas públicas ou particulares, garantam essa mobilização das nossas crianças e adolescentes. Não estamos pensando na potencialidade que muitos desses



Foto: Diogenes Baribosa

“Se a turma tem aulas regulares pela manhã, porque não possibilitar que as de Educação Física aconteçam pela manhã?”, indica Roberta de Granville

jovens têm para se tornar um atleta de rendimento, mas na formação deles em diferentes aspectos”, complementa a educadora.

E a contribuição das artes e dos bens culturais?

O acesso às artes e a diferentes bens culturais também tende a contribuir decisivamente para a formação dos indivíduos. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Sandro Guimarães de Salles trabalha na formação de futuros educadores, na própria UFPE, tanto na graduação, quanto na pós-graduação.

Com formação tanto em Antropologia quanto em Música, tendo, nesta área, desenvolvido projetos indicados, inclusive, a prêmios nacionais, lecionou no Conservatório Pernambucano (CPM). O envolvimento na produção artística em uma das escolas mais renomadas do país, além, é claro, das pesquisas e projetos desenvolvidos na área, garantem a Sandro Guimarães uma leitura muito clara sobre a questão.

Ele destaca que, dentro da própria história da educação, a filosofia grega já discutia a importância das artes para

o cuidado com a “mente”. E, inclusive, de pensar paralelamente as atividades esportivas e das artes - como forma de garantir que o indivíduo tenha uma formação que contemple o “corpo” e a “mente”.

Partindo para uma análise mais próxima da atualidade, Sandro observa que a construção das preferências musicais de alguém acontece a partir da infância, ao mesmo tempo em que defende que esse acesso a diferentes “linguagens” possibilita que, quando adulto, tenha-se uma compreensão muito mais madura sobre a necessidade de respeitar as diferenças.

O pesquisador também aponta que a construção de uma leitura crítica sobre a produção artística e, claro, dos bens culturais, incluindo os regionais/nacionais, também contribui para que aquela pessoa seja muito mais esclarecida em relação aos valores, inclusive musicais, que serão adotados.

Neste cenário, ele lembra que, ao oportunizar este acesso, constrói-se uma leitura muito mais atenta em relação às questões políticas, midiáticas e até mesmo econômicas que englobam o acesso a estes bens.